Boletim Paulista de Geografia

AGB SÃO PAULO DESDE 1934

Dossiê
Geografia e Marxismo

Geografias no Espaço-Tempo: ou das Tragédias Anunciadas para um Negócio Garantido

Manoel Fernandes de Sousa Neto

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, São Paulo, Brasil
e-mail: manoelfernandes@usp.br



Boletim Paulista de Geografia

Ano: 2026

N°: 116

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Geografias no Espaço-Tempo: ou das Tragédias Anunciadas para um Negócio Garantido

Resumo

O ensaio trata de analisar as mudanças teóricas ocorridas no campo do marxismo na geografia a partir da virada espacial no âmbito da crise estrutural do capitalismo. Realiza o movimento de por em destaque geógrafa e geógrafos ganhadores do prestigioso Prêmio Internacional Vautrin Lud, pelo inestimável alcance de suas teses sobre as mutações nos modos de compreender o nosso tempo
Palavras-chave: Geografia; Marxismo.

Geografías en el Espacio-Tiempo: o de las Tragedias Anunciadas hacia un Negocio Garantizado

Resumen

El presente ensayo analiza las transformaciones teóricas ocurridas en el campo de la geografía marxista a partir del giro espacial, en el marco de la crisis estructural del capitalismo. Asimismo, destaca la trayectoria de geógrafas y geógrafos galardonados con el prestigioso Premio Internacional de Geografía Vautrin Lud, debido al inestimable alcance de sus tesis sobre las mutaciones en los modos de comprender nuestro tiempo.
Palabras-clave: Geografía; Marxismo.

Geographies in Space-TimeAbstract: Or from Foretold Tragedies to a Guaranteed Business

Abstract

This essay examines the theoretical shifts within Marxist geography stemming from the spatial turn amid the structural crisis of capitalism. It highlights geographers—both women and men—who have been awarded the prestigious Vautrin Lud International Geography Prize for the invaluable reach of their theses concerning the transformations in how we comprehend our contemporary era.
Keywords: Geography; Marxism.

No primeiro dia de Setembro de 1992, na conferência de abertura do evento ***O Novo Mapa do Mundo***, Milton Santos proferiu uma conferência intitulada *Aceleração Contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo*, para tratar das grandes transformações que estávamos a vivenciar com o advento, em nossos dicionários, de uma palavra que passou a habitar o título de diversos artigos, livros e reflexões teóricas, tratava-se do vocábulo *globalização*.

Milton Santos, inseriu este texto fabuloso, Aceleração *Contemporânea: tempo-mundo, espaço-mundo*, em um livro intitulado ***Técnica, Espaço, Tempo***, que foi publicado originalmente pela Editora Hucitec em 1994. Um livro, a nosso ver, que prenunciava o que viria a ser a obra *A Natureza do Espaço*, lançado de maneira inaugural em 1996.

O geógrafo baiano, nascido em Brotas de Macaúbas que celebra seu centenário este ano, propôs que o processo de aceleração contemporânea fazia baralhar os signos com as coisas reais e que vivíamos então uma aceleração sem precedentes na história da humanidade, ao ponto de aquilo que era ainda construção aparecer, não raras vezes, como ruína.

1992, como sabemos, foi uma dessas datas que revelam, como já ensinara Alfredo Bosi, ser apenas a ponta de um iceberg, pois sintetizava não apenas cerca de quinhentos anos, meio milênio, daquilo que Fernand Braudel nomeou de o longo século XVI, do início pois da conformação de um *sistema-mundo*, com sua barbárie colonial de acumulação primitiva fora da Europa.

Por isso, Milton Santos, vai nos ensinar que a globalização era um fenômeno não muito recente, já que se o podia localizar muitos séculos atrás, mas o seu caráter ocorrido em fins do século XX, revelava o oposto daquilo que os ideólogos da globalização queriam celebrar. Os ideólogos da globalização vendiam a idéia de fim das fronteiras, dos territórios e dos Estados Nacionais; da conformação de um mundo homogêneo; de nascimento enfim de uma aldeia global. O geógrafo baiano vai propor uma outra leitura de globalização ao sinalizar que se tratava de uma *globalização fragmentária*, pois ela visava unificar mas não unir o mundo, na medida em que estabelecia um tempo hegemônico e perverso, razão pela qual proporá depois a necessidade de uma outra globalização, feita pelos que estão embaixo e sugerir o que denominou de um período popular da história.

A tese da *globalização fragmentária* foi fundamental para entendermos o sentido da globalização e expressa a estatura intelectual do geógrafo, que logrou receber o prêmio *Vautrin Lud, em 1994,* por assim ter lido o mundo à época e expressar uma concepção de espaço-tempo que não era em nenhuma hipótese a do fim dos territórios, muito menos da história.

O mesmo prêmio *Vautrin Lud*, seria dado em 1995, ao geógrafo David Harvey, que houvera escrito alguns anos antes um livro que teve enorme repercussão no âmbito das ciências humanas. Publicado inauguralmente pela *Editora Blackwell* em 1989 e no Brasil pela Editora Loyola em 1992, *o Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, trazia como tese central a ideia de que vivíamos uma ***compressão espaço-temporal***, que indicava a existência de um mesmo mundo em termos de suas dimensões físicas, mas outras experiências completamente distintas que transitavam de um período de acumulação fordista-keynesiana para uma lógica de acumulação flexível, uma nova perspectiva quanto à suposta transição da modernidade à pós-modernidade e, por suposto, mudanças radicais de concepção espaço-temporais expressas no âmbito das artes, por exemplo, com outras linguagens no campo da literatura, arquitetura, artes plásticas e cinema.

As transformações apontadas pelo livro que fez de David Harvey um intelectual marxista e geógrafo muito lido no Brasil e em outros países do mundo, foram aquelas que indicavam o advento do discurso pós-moderno, *pari passu*, a profundas metamorfoses relacionadas ao capitalismo em plena emergência de uma crise estrutural e sistêmica surgida por volta de fins dos anos 1960 e princípios dos anos 1970, com o fim daqueles que ficaram conhecidos como os trinta anos de ouro de crescimento continuo da acumulação de capitais e tendo como centro hegemônico da economia-mundo, os Estados Unidos.

David Harvey, lastreado na teoria da regulação, sugere que vivíamos o advento de um gerenciamento pós-fordista do trabalho, com o surgimento de experiências como a do Toyotismo, da Terceira Itália, do Vale do Silício. Vinculadas às mudanças radicais no mundo do trabalho, um desmonte do Estado do bem-estar social com a retirada de diversas conquistas

dos trabalhadores e o surgimento de políticas neoliberais levadas a cabo de modo exemplar pelos governos Ronald Reagan e Margaret Thatcher.

Não por mera coincidência, temos no mesmo ano de lançamento do livro de David Harvey em Cambridge, pela Blackwell, em 1989, a realização de um evento que ficou conhecido como ***Consenso de Washington***, onde se propugnava o Estado mínimo, o desmonte dos sindicatos, uma regulação social sustentada em princípios do mercado e baseada em privatizações, instituição de parâmetros de avaliação educacional como aqueles capitaneados pelo banco mundial e transferência de riqueza do Estado para grandes corporações.

A emergência da ideologia da globalização, do discurso *pós-moderno* e do advento de uma economia política neoliberal, coincidem também no âmbito do debate teórico no campo das ciências humanas com aquilo que ficou conhecido como *Spatial Turn* (**virada espacial**). Em obra que teve forte repercussão e foi largamente difundido como aquele que propunha uma nova centralidade conceitual na teoria social crítica, que seria a centralidade do espaço para pensar o mundo de fins do século XX, o livro de Edward Soja, **Geografia Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**, publicado no Brasil em 1993 pela Editora Zahar, foi originalmente publicado como *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory,* em 1989, haja lá coincidência ou não*,* pela Editora Verso, simultaneamente em Londres e Nova York.

O livro propõe já a partir de seu *pré-posfácio* uma retomada da entrevista de Michel Foucault à *Revista Hérodote*, para dizer que até então o espaço havia sido tratado como o morto, o fixo, o petrificado e a história como a riqueza, a fruição, o progresso, por isso, quem sabe, propõe que agora talvez devessem importar menos a sucessão temporal dos fenômenos, para ser mais relevante a simultaneidade dos processos em seu acontecer espacial.

Alguns, quiçá muitos, louvaram à Edward Soja e as suas geografias pós-modernas como aquelas que enfim poderiam salvar essa disciplina de continuar acorrentada à certas subalternizações historiográficas oitocentistas e enfim ter uma força explicativa muito maior, já que agora, diante dos nossos novos tempos, o espaço ganharia uma centralidade explicativa que não caberia mais à história continuar a ter.

Um dos elementos centrais do discurso pós-moderno, vocês bem sabem, é a crítica às *metanarrativas*, às *metateorias* e à qualquer perspectiva teleológica que vise estabelecer um projeto de humanidade como finalidade possível. Sobre isso aqui uma pequena pausa para lembrar o que fizera Marx no ***Ideologia Alemã***, ao subverter a noção de história em Hegel, propondo que deveríamos pensar a história além da Coruja de Minerva hegeliana, aquela que só levantava vôo ao cair da noite e, que, portanto, a história, como construção humana, deveria não apenas mirar o passado, mas constituir desde o presente o que deveríamos deixar melhorado às gerações futuras. A concepção está claramente expressa em texto de 1845, na décima primeira das *Teses Sobre Feuerbach*: "os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo."

Voltemos agora, então, a Edward Soja e suas geografias pós-modernas, para lembrar que ele inicia suas elocubrações sobre os ombros de Michel Foucault e sobre a perspectiva de trazer para o centro da teoria crítica de fins de século XX, a centralidade do espaço sobre o tempo, convocando a geografia a tratar das simultaneidades desse mundo que foi anunciado por Francis Fukuyama aquele que teria chegado ao fim da história.

A temática já foi tratada por nós em outro momento, em texto intitulado ***Teria a Geografia ajudado a sepultar a história no capitalismo tardio? Reflexões funerárias de pouca pompa e nenhuma circunstância sobre o fim do mundo***, em livro lançado pela Editora Consequência em 2023, *Marx, a Geografia e a Teoria Crítica*. Ali já situamos que:

> O funeral se anuncia como promessa. A barbárie como natural. O mundo como imutável. Diante da sensação de que nada mais há por fazer difunde-se a lógica da aceitação do mundo tal como está; busca-se produzir uma coletiva sensação de impotência que diz não haver salvação senão para alguns eleitos; propaga-se o individualismo, estimula-se o "salve-se quem puder" e a realidade é subsumida à esfera do fenomênico cada vez mais baralhada pelo reino das imagens. (Sousa Neto, 2023, p. 57)

É não sem razão que, por falar em *acontecimental*, tivemos na Geografia e como parte da sua adesão ao discurso pós-moderno, um forte ingresso da filosofia da diferença e em filósofos como Gilles Deleuze e Felix Guatarri, uma parte substantiva daquilo que ensejou leituras como aquela realizada por uma outra ganhadora do *Prêmio Vautrin Lud* do ano de 1998, no caso a geógrafa britânica Doreen Massey, que teve seu livro lançado no Brasil em 2008 pela Editora Bertrand, *Pelo Espaço: uma nova politica da espacialidade*, originalmente

publicado em inglês pela Editora SAGE, simultaneamente em Londres, California e Nova Deli em 2005, com o título ***For Space***.

A obra de Massey sugere uma outra e necessária imaginação geográfica e trata do espaço como se realizando a partir do encontro de trajetórias, na conformação daquilo que entende como geometrias de poder. As interações passam a conformar e explicar o espaço, não mais como um sentido de totalidade, mas a partir desses *encontros* se realizam essas políticas da espacialidade que estão plasmadas nos *eventos*.

A obra *Pelo Espaço*, compreende as diversas e possíveis espaço-temporalidades como esses momentos em que os encontros consubstanciam eventos e logo, não há mais uma teleologia, um projeto que envolva toda a humanidade e, a nosso ver, isso pressupõe políticas fragmentárias para um mundo que está às portas do abismo ou a um passo daquele momento de não retorno.

A crise do capital se expressa como uma aporia, um beco sem saída e que explica, sobremodo, o pessimismo e o sentimento de impotência em que estamos a ser mergulhados ou melhor, afogados pelas ideologias neoliberais e de mercado. A crise do capital, contraditoriamente, é uma expressão acabada do próprio sistema e não algo eventual, momentâneo ou localizado. A crise do capital lhe constitui como algo inerente a sua própria realização e por isso, o progresso otimista que fora a marca do século XX, agora se realiza no século XXI como aquele de fim do planeta e por consequência da espécie humana.

É não sem razão que temos repetidas vezes indicado que a *virada espacial* e a adesão hegemônica no âmbito da Geografia a teorias fragmentárias e ou meramente mitigatórias da crise do capital, representaram uma adesão não muito sofisticada ao *status quo* e logo a um projeto que não vai além da administração da crise estrutural e sistêmica do capitalismo.

O anúncio dessa tragédia aparece no cinema com obras como *I am, Daniel Black* que trata do desmonte do Estado do Bem-Estar Social na Inglaterra com toda a didática crueza ou do mais recente *Olhe Para Cima* sobre como as grandes corporações como as bigtechs definem a economia política do mundo e estão a buscar realizar aquilo que já

anunciara no século XIX, Cecil Rodhes quando disse que se pudesse anexaria como colônias todos os planetas.

O discurso do desenvolvimento sustentável diante da insustentabilidade do sistema capitalista é uma farsa, como é uma farsa a COP 30 que realizou-se em Belém e que teve como notícia de véspera a autorização do governo social-democrata brasileiro o anúncio da liberação para exploração de petróleo na foz do rio Amazonas. Acordos como os de exploração de terras raras, que vem herdados da memória de Brumadinho e Mariana, bem como a negociação espúria da criação de *datacenters* em um mundo de IAs que não são nem artificiais, nem inteligentes, repõe o cardápio de questões que temos que enfrentar, já que minerais baratos, águas abundantes e petróleo na floresta cultural amazônica estão em países de passado colonial como o Brasil.

A geografia crítica que no Brasil adquiriu imensa envergadura teórica de pensar, a partir de onde estamos, questões que dizem respeito ao mundo, precisa permanecer exercendo uma crítica imanente à lógica da mercadoria e continuar a denunciar o agronegócio grileiro e venenoso subsidiado pelos fundos públicos do Estado; a mineração destrutiva do ar, das águas, das terras que alimentam grandes corporações; a financeirização do clima própria do capitalismo fóssil; os genocídios em Gaza, mas também em diversos países de África; o trabalho análogo a escravidão em diferentes setores econômicos e lugares do mundo, inclusive em áreas com tecnologia de ponta, daquilo que passaram a chamar de capitalismo de plataforma como as atuais *Inteligências Artificiais, Uberizações e Ifoodizações*.

O avanço da extrema direita em todo mundo e, de modo especial, em América Latina, resulta em muitos casos de leituras teóricas que buscam denegar a necessidade de manter aquela *guerrilha epistemológica* de que somos, a um só tempo, herdeiros e construtores, como já lembraram intelectuais geógrafas e geógrafos vinculados à matrizes marxistas que vão de Luckacs a Mezaros, de Lefebvre aos Situacionistas, de Althusser a Lozurdo, de Gramsci a Marcelo Musto, de Robert Kurz aos muitos que fazem o *Exit*.

As nossas geografias do espaço-tempo não podem permitir que a tragédia anunciada seja um negócio garantido.

Referências

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Petropólis, Loyola, 1992.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro, Bertrand, 2008.

SANTOS, Milton. "**Aceleração Contemporânea**: Tempo-Mundo e Espaço-Mundo". In: SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. "**Teria a Geografia ajudado a sepultar a história no capitalismo tardio? Reflexões funerárias de pouca pompa e nenhuma circunstância sobre o fim do mundo**. In: CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz; CARLOS, Ana Fani A.; DEL GAUDIO, Rogata Soares; SOUSA NETO, Manoel Fernandes. Marx, a Geografia e a Teoria Crítica. Rio de Janeiro, Consequência, 2023. (pp.57-66)

Como citar este artigo:

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. Geografias no Espaço-Tempo: ou das Tragédias Anunciadas para um Negócio Garantido. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 116, p. 116-125, 2026. DOI: https://doi.org/10.61636/2jrpkh08

Recebido em 10 de dezembro de 2025

Aceito em 04 de novembro de 2026

Sobre o autor: Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, realizou graduação em Geografia (Licenciatura, 1992 e Bacharelado, 1993) na Universidade Federal do Ceará (UFC), período em que foi Presidente do Centro Acadêmico Amélia Alba (1988-89), Coordenador da Executiva Nacional de Estudantes de Geografia (1990-91), Diretor do DCE-UFC (1990-91) e Diretor da UNE (1991-92). Professor da Universidade Federal da Paraíba (1993-1998) e da Universidade Federal do Ceará (1998-2007), milita no movimento docente junto ao ANDES-SN desde 1993. Realizou PósDoc na Universidade do Porto em História da Cartografia e Cartografia Histórica em 2012-2013. Livre Docente pela USP em 2019, mesma instituição em que tornou-se Mestre (1997) e Doutor (2004) em Geografia Humana e ingressou como docente da àrea de Teoria e Método (2007). Presidiu a Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia - ANPEGE (2018-2019). Em 2019, foi Professor Visitante da Université Cergy-Pontoise. Poeta-docente realiza pesquisas e orienta no campo da História da Geografia na Geografia Histórica do Capitalismo, sendo Coordenador do GECA (Grupo de Estudos do Capital) na Universidade de São Paulo desde 2013 e integra a REDAP (Rede Diversidade e Autonomia na Educação Pública)

Editoração:

Igor Carlos Feitosa Alencar

Thell Rodrigues